

NOTA EDITORIAL

Todo o nascimento releva de uma crise. Porque implica um parto e as consequentes dores. E uma ruptura, entre a congeminação e a fecundação, por um lado, e a existência de um novo ser, por outro, quando este se autonomiza e deixa de estar no ambiente protector onde se foi formando, para passar a ver a luz do dia e a ter que mostrar a sua fibra e o seu caminho de afirmação e autonomia.

Este é o primeiro número da Revista de Economia Solidária, o momento em que ela vê a luz do dia e se pretende afirmar como um projecto próprio e autónomo. É o momento do seu nascimento, com as consequentes dores do parto e passagem à prática das suas intenções.

Como qualquer parto, teve as suas dificuldades...

Começou há muito tempo, o processo e o percurso que levou a este nascimento.

Foi nos finais dos anos 80, quando se lançaram nos Açores as bases e o embrião do que viria a designar-se por Economia Solidária, já nos anos 90. Processo que depois “contaminou” e recebeu contribuições de experiências congéneres das Canárias, da Madeira e de Cabo Verde (e, mais recentemente, de S. Tomé e Príncipe). Nascia então a **Economia Solidária da Macaronésia**, conjunto de regiões / países insulares, situadas no Oceano Atlântico, entre três continentes – a África, a América e a Europa -, cujo conceito foi, pela primeira vez, definido e apresentado em Março de 2004 (AMARO e MADELINO, 2004).

Da constatação de que se tratava de um conceito (e de práticas) próprio, na sequência de experiências específicas e de contextos socioeconómicos-culturais particulares, em diálogo com as reflexões teóricas e práticas desenvolvidas sobretudo na Europa, no Canadá (Quebeque) e na América Ibérica, à volta do (novo) conceito de Economia Solidária, em afirmação crescente nos últimos 15-20 anos, nasceram duas necessidades:

- A de se criar um Mestrado em Economia Social e Solidária, para aprofundar e incentivar pesquisas e estudos neste domínio, o que veio a acontecer em 2005-2006, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, em Lisboa ([http:// iscte.pt](http://iscte.pt)) estando actualmente na 4ª edição;

- A de se constituir um Centro de Estudos de Economia Solidária do Atlântico (CEESA), para se tornar a base de inspiração e aprofundamento teórico, prático e formativo das experiências desta área, convocando os

saberes e as práticas de especialistas e de actores de Economia Solidária, não só das quatro (agora cinco) regiões envolvidas, mas também dos continentes referidos. Assim nasceu a Associação do Centro de Estudos de Economia Solidária do Atlântico (ACEESA – “<http://www.ceesa-mac.org>”), em 15 de Novembro de 2006.

A **Revista de Economia Solidária** é um dos frutos deste intenso processo de idealização, fecundação e maturação. Cujo parto conheceu dificuldades e adiamentos, mas que finalmente “deu à luz”.

Este primeiro número é um marco, que se pretende inaugurador de uma presença persistente, para já **duas vezes por ano**, dando conta das reflexões teóricas e das experiências práticas que se referem ao conceito de Economia Solidária, nas quatro (cinco) regiões da Macaronésia e algures no Mundo, onde esse conceito esteja referenciado.

Nela contribuirão especialistas renomados, em particular aqueles que constituem a sua referência científica (cf. nomes indicados na composição desta Revista, a que juntarão outros em breve), mas também outros autores que queiram partilhar connosco as suas reflexões a propósito de uma Economia Alternativa no Século XXI. É esse afinal o seu mote principal, sob o pretexto da Economia Solidária. E que, por isso, tem uma palavra a dizer sobre a crise actual e as suas soluções.

Nela contribuirão também, como componente fundamental da sua pesquisa inovadora, jovens mestrandos(as) e doutorandos(as) neste domínio, de qualquer país onde a Academia já aceitou este tema como área científica de ensino e investigação.

Dela também farão parte os actores, os(as) que constroem e vivem o quotidiano da Economia Solidária, com todas as suas dificuldades, sucessos e insucessos, dores e alegrias. Contando as suas experiências, construindo, de forma indutiva, o seu conhecimento sobre as suas práticas, teorizando afinal, a partir do concreto vivido.

Porque se quer uma Revista de pontes e articulações, ela é pois uma expressão e um encontro de Investigadores e Actores, uma experiência publicada de Investigação-Ação e, por vezes, de Investigação.

Também por isso, ela assume-se como tetralíngua, dando expressão a artigos que podem ser publicados e lidos em português (de Portugal e do Brasil, ou até nas suas outras variantes, dos restantes países lusófonos), castelhano, francês e inglês, sempre com resumos em inglês.

Em princípio, cada número da Revista conterá artigos mais teóricos e outros mais práticos (neste primeiro número, por razões de apresentação,

não há experiências práticas, que estarão presentes nos próximos), além de notícias sobre eventos relacionados com a Economia Solidária e notas de leitura.

Este primeiro número, que é o de apresentação, conta com cinco contribuições, ilustrativas do debate sobre Economia Solidária e do que poderão ser os conteúdos desta Revista:

- Uma primeira, em que, como Director, apresento, de forma sucinta, o conceito de Economia Solidária da Macaronésia, em diálogo com as reflexões que têm sido apresentadas, sobretudo na Europa e na América Ibérica;

- A contribuição de Jean-Louis Laville, um dos nomes mais conceituados neste domínio, (investigador no Conservatoire National d' Arts et Métiers de Paris), que apresenta o conceito de Economia Solidária, no quadro do debate teórico actual sobre o Terceiro Sector, a globalização, a economia neo-liberal, os modelos políticos actuais e a luta pela democratização das sociedades no século XXI;

- A de Jordi Estivill (da Universidade de Barcelona), outro dos nomes de referência da actualidade, que propõe uma reflexão sobre os caminhos mediterrânicos da Economia Social e Solidária, a partir das especificidades da Espanha, da França, da Grécia, da Itália e de Portugal, nomeadamente no que se refere às suas características socioeconómicas e políticas próprias e aos seus modelos de protecção social e de Economia Social tradicional;

- A do jovem doutorando brasileiro, Igor Valentim, actualmente a prosseguir os seus estudos na Faculdades de Economia da Universidade de Coimbra e no Centro de Estudos Sociais (associada àquela instituição), e que faz parte de um grupo de mestrados(as) e doutorandos(as) designado por ECOSOL (de “Economia Solidária”, procurando ligar a Academia às experiências de terreno, e que também tem ligações ao Mestrado de Economia Social e Solidária do ISCTE, que apresenta uma reflexão sobre a Economia Solidária no Brasil e a importância que o conceito de “Confiança” tem nessas experiências;

- A do mestrando catalão Pol Vidal, actualmente a frequentar (sobretudo à distância, beneficiando do sistema de videodifusão) a 4ª edição do Mestrado de Economia Social e Solidária do ISCTE, e que propõe uma análise sobre a importância da “Fraternidade” na reflexão teórica do economista clássico inglês John Stuart Mill, contribuindo para a fundamentação teórica dos conceitos de Economia Social e Economia

Solidária, a partir de um trabalho académico apresentado no referido mestrado.

Além dos artigos de fundo, poderão ser apresentadas recensões e algumas notícias sobre eventos significativos recentes ou próximos no domínio da Economia Solidária ou afins, em números futuros.

Uma Revista conta com os seus autores, mas também, e de forma decisiva, com os seus leitores e críticos. Por isso, contamos consigo, com todos os que nos lerem de forma crítica e nos queiram fazer chegar os seus contributos.

Assim, após o parto, poderemos continuar a dar vida a esta nova realidade.

Rogério Roque Amaro